

O CONCEITO DE COMPETÊNCIA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*Luciano Amaral Oliveira**

RESUMO — *Resultado de uma palestra proferida no XIII Seminário Pale na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), este texto aborda a questão do conceito de competência no ensino de línguas estrangeiras. Seu objetivo é levar os professores de línguas estrangeiras a se conscientizarem da importância de se saber qual a visão de língua que subjaz à prática pedagógica. Assim, o conceito chomskyano de competência lingüística e o conceito de competência comunicativa são abordados para que se possam analisar as suas implicações para o ensino de línguas estrangeiras.*

PALAVRAS-CHAVE: *Competência comunicativa. Ensino de línguas estrangeiras. Chomsky.*

INTRODUÇÃO

Todo professor de línguas estrangeiras precisa ter consciência a respeito de como vê a língua. Se perguntado “o que é língua?”, o professor necessita ser capaz de responder com clareza e segurança. Afinal, a sua prática pedagógica está fundamentada, antes de tudo, na visão de língua que ele tem, mesmo que o professor não tenha consciência dessa relação intrínseca entre prática pedagógica e teoria da língua. Sem ter essa consciência, o professor adotará práticas de ensino sem saber exatamente o porquê de fazer o que faz na sala de aula.

Dada essa necessidade, o presente trabalho aborda duas teorias da língua, a estruturalista e a comunicativa, com o objetivo de provocar os professores de língua estrangeira e

*Prof. Assistente (DEDU/UEFS).

E-mail: lucianoamaral64@yahoo.com

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: educacao.uefs@gmail.com

levá-los a um processo de reflexão acerca da teoria da língua que adotam. Primeiramente, a visão estruturalista é abordada por meio do conceito de competência lingüística proposto por Noam Chomsky. Em seguida, o conceito de competência comunicativa é abordado, ressaltando-se as contribuições feitas por Dell Hymes, Henry Widdowson, Merrill Swain e Michael Canale. Finalmente, são apontadas as implicações da adoção de um e de outro conceito de competência.

O CONCEITO DE COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA

A Segunda Guerra Mundial revelou novos tipos de horrores que um conflito bélico pode proporcionar, mas também mostrou ao mundo uma necessidade interessante: a de se aprenderem línguas estrangeiras. Os funcionários do governo e das forças armadas americanas, principalmente o pessoal das secretarias de inteligência, precisavam urgentemente aprender a se comunicar nas línguas dos países envolvidos no conflito. Além disso, muitos estrangeiros estavam imigrando para os Estados Unidos e necessitavam aprender a se comunicar em inglês. Diante de uma necessidade lingüística tão premente, o governo americano criou o Programa de Treinamento Especializado do Exército (*Army Specialized Training Program*) com o objetivo de se elaborar um método de ensino de línguas estrangeiras. Participaram do projeto 55 (cinquenta e cinco) universidades americanas, tendo Leonard Bloomfield como um dos lingüistas envolvidos no programa.¹

Bloomfield, considerado por Joaquim Mattoso Camara Jr. o maior teórico americano depois de Edward Sapir, era um lingüista que via a língua como um conjunto de estruturas gramaticais. Tendo pesquisado e descrito línguas indígenas americanas, ele acabou elaborando técnicas aprimoradas de descrição lingüística. Era adepto do empirismo, o que o levou a adotar a teoria behaviorista da linguagem como um dos pilares do método de ensino de línguas estrangeiras, que o governo americano havia encomendado. De posse da sua teoria estruturalista da língua e da teoria behaviorista da aprendizagem, Bloomfield elaborou aquele que viria a ser o

método mais difundido de ensino de línguas estrangeiras: o audiolingualismo, também chamado de método audiolingual.

O audiolingualismo foi muito bem sucedido durante a guerra, o que levou muitas pessoas a acreditarem que aquele era o método de ensino de línguas. Entretanto, após a guerra, percebeu-se que o audiolingualismo não era tão eficiente assim. Observou-se que sua eficiência devia-se a dois fatores. Um fator era o caráter de imersão que as aulas tinham no período da guerra. O tempo para se aprender a língua era muito curto e, por isso, era necessário que os estudantes estivessem expostos à língua o máximo de tempo possível, justificando-se a imersão. O segundo fator era o alto grau de motivação dos estudantes, que precisavam aprender a língua pela razão mais motivadora que existe: a sobrevivência. Sem esse dois fatores atuando na aprendizagem, o ensino por meio do audiolingualismo não apresentava os mesmos resultados.

A desconfiança em relação ao audiolingualismo aumentou de vez com a publicação do texto "Verbal Behavior" de Noam Chomsky, no final dos anos 1950. O texto é uma crítica veemente ao behaviorismo, demonstrando a incapacidade dessa teoria de explicar a aquisição da linguagem. O argumento de Chomsky se centra na criatividade lingüística, a capacidade que o falante-ouvinte tem de produzir e entender sentenças originais. Se a teoria behaviorista, centrada na formação de hábitos corretos por meio de um mecanismo de estímulo-resposta-reforço/punição estivesse correta, uma criança de três anos de idade não seria capaz de produzir e entender sentenças que nunca ouviu antes. Contudo, a verdade é que as crianças conseguem produzir e entender sentenças originais aos três anos de idade. Chomsky lançou, então, a sua tese inatista da aquisição da linguagem, segundo a qual o ser humano nasce dotado de uma faculdade biológica da linguagem. Através dos dados provenientes do meio ambiente lingüístico onde cresce, a criança desenvolve essa faculdade e se torna competente em termos lingüísticos independentemente de mecanismos behavioristas. Essa seria a única explicação plausível para a criatividade lingüística das crianças. Na verdade, a tese chomskyana é bastante atraente e difícil de ser derrubada.

Ao bater forte na teoria behaviorista da aprendizagem, a crítica chomskyana abalou os alicerces do audiolingualismo, motivando professores e psicólogos a buscarem alternativas teóricas para aquele método. Chomsky, no entanto, não contribuiu para mudar a visão de língua que muitos professores de língua estrangeira tinham até então. A língua ainda continuava a ser vista como um conjunto de estruturas gramaticais.

Se, de um lado, Chomsky contribuiu para abalar o behaviorismo, por outro lado, ele contribuiu para reforçar a visão estruturalista da língua. Em 1959 e 1965, Chomsky lança dois dos seus principais trabalhos: “Estruturas Sintáticas” e “Aspectos da Teoria da Sintaxe”, respectivamente. No primeiro, ele propõe que os estudos pragmáticos e semânticos fiquem fora do escopo do estudo da gramática; no segundo, ele reforça essa proposta e estabelece a dicotomia entre ‘competência’ e ‘desempenho’, definindo ‘competência’ como o conhecimento tácito que o falante-ouvinte possui da estrutura da sua língua e ‘desempenho’ como o uso concreto e imperfeito da língua.

Exatamente por se ater ao conhecimento gramatical, estrutural, o conceito de competência proposto por Chomsky é também chamado de competência lingüística. Isso demonstra que Chomsky, assim como Bloomfield, é um estruturalista, aquele que vê a língua como um conjunto de estruturas. A diferença entre os dois reside no fato de a teoria chomskyana desenvolver sistemas de regras que explicam as possibilidades estruturais da língua, não se limitando apenas à descrição da língua, como se limitou Bloomfield. Note-se que Chomsky reconhece que o falante-ouvinte também possui competência pragmática, *i.e.* conhecimento sobre o uso da língua, mas ele só pesquisa o conhecimento gramatical do falante-ouvinte. Afinal, Chomsky considera o desempenho uma realização imperfeita da competência devido a fatores físicos e psicológicos. Segundo Chomsky (1965, p. 83):

A teoria lingüística tem antes de mais nada como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade lingüística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitemen-

te, e que, ao aplicar seu conhecimento da língua numa performance efectiva, não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos).

Na proposta chomskyana, portanto, faz-se um recorte de tal forma que o objeto de estudo da lingüística é a competência lingüística, deixando-se de fora elementos pragmáticos e semânticos. Justamente aqueles elementos que tornam as línguas humanas tão ... humanas. A posição asséptica de Chomsky, no entanto, causou reações teóricas bastante salutares para o ensino de línguas estrangeiras. É disso que a próxima seção trata.

O CONCEITO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

A reação à visão estruturalista de língua começou com o sociolingüista Dell Hymes, para quem a realidade lingüística de qualquer falante-ouvinte envolve relacionamentos sócio-culturais e estados emocionais e psicológicos diversos. Seguindo esse raciocínio, não se deveria considerar o desempenho uma representação imperfeita da competência e nem se deveria ver a competência como conhecimento exclusivamente gramatical. Excluir da análise lingüística elementos pragmáticos e semânticos significa estudar apenas uma parte do fenômeno lingüístico.

Hymes usa o termo 'competência comunicativa' para se referir não apenas a conhecimento mas também à habilidade de se usar esse conhecimento. Enquanto Chomsky equipara competência a conhecimento, na proposta de Hymes, conhecimento passa a ser uma parte da competência.

Hymes dá o nome de 'possibilidade formal' àquilo que Chomsky chama de gramaticalidade, *i.e.* a boa formação da sentença, no sentido de as regras da língua serem seguidas ao se formar uma sentença. Mas ele não se limita ao conhecimento gramatical, que permite ao falante-ouvinte produzir sentenças gramaticais, possíveis de acordo com as regras da língua. Hymes inclui, também, no conceito de competência comunicativa,

aquilo que ele chama de 'exeqüibilidade', 'adequação contextual' e 'aceitabilidade de ocorrência'.²

O falante-ouvinte pode ter o conhecimento gramatical para formar frases possíveis, mas tal conhecimento está limitado por fatores psicolingüísticos, como a memória e a concentração, que podem tornar a frase inexeqüível. Uma frase longa demais, com muitos encaixes, por exemplo, pode ser possível, mas pode se tornar inexeqüível devido a aqueles fatores. A seguinte sentença, escrita por Machado de Assis (1998, p. 16), é um exemplo de como a presença de muitos encaixes exige um esforço maior por parte do falante-ouvinte da língua portuguesa:

Estevão, dotado de extrema habilidade, e não menor fraqueza de ânimo, afetuoso e bom, não daquela bondade varonil, que é apanágio de uma alma forte, mas dessa outra bondade mole e de cera, que vai à mercê de todas as circunstâncias, tinha, além de tudo isso, o infortúnio de trazer ainda sobre o nariz os óculos cor-de-rosa de suas virginais ilusões.

Se Machado de Assis tivesse aumentado o número de encaixes nessa sentença, o leitor, provavelmente, teria dificuldades de processá-la e necessitaria relê-la umas duas vezes para entendê-la. Um exemplo oferecido por Christopher Brumfit (*apud* HYMES, 1991, p. 14) ilustra essa questão para o falante-ouvinte da língua inglesa: "The mouse the cat the dog the man the woman married beat chased ate had a white tail".

Observe-se que a exeqüibilidade de uma frase está diretamente relacionada ao conceito de desempenho proposto por Chomsky. Como esses fatores psicolingüísticos são parte inerente do ser humano, Hymes discorda da idéia chomskyana de que o desempenho é meramente um reflexo imperfeito da competência lingüística de um falante-ouvinte.

A adequação contextual é a parte sócio-cultural da competência comunicativa, a qual estabelece regras para o uso das frases de acordo com o contexto em que o falante-ouvinte se encontra. Mesmo que uma frase seja possível e exeqüível, ela tem que ser utilizada de acordo com o contexto social e cultural no qual

ela é produzida. Se o falante-ouvinte estiver em uma situação formal, por exemplo, conversando com uma interlocutora hierarquicamente superior, ele deve marcar essa distância no seu discurso através da escolha de palavras e estruturas sintáticas. Sem essa capacidade de adequação sócio-lingüística, um falante-ouvinte não é competente para se comunicar em grupos sociais distintos.³

Aceitabilidade de ocorrência é a parte da competência comunicativa que permite ao falante-ouvinte saber que determinadas construções podem ou não ocorrer, mesmo sendo possíveis, exeqüíveis e adequadas ao contexto. Por exemplo, a sentença “Eu trouxe o faisão que Vossa Majestade pediu” é possível, exeqüível, adequada e pode realmente ocorrer, se o falante-ouvinte for o cozinheiro da rainha da Inglaterra. Se o falante-ouvinte for Luciano Amaral, a ocorrência dessa sentença não é aceitável.

Assim, ser competente em uma língua significa saber mais do que apenas a gramática da língua. Hymes (1971) lembra que há regras de uso sem as quais as regras da gramática seriam inúteis. Não foi por acaso que sua proposta de competência comunicativa encontrou eco nos meios acadêmicos voltados para o ensino de línguas estrangeiras. Uma das pessoas que ouviram esse eco foi o lingüista Henry Widdowson, cujas idéias sobre discurso vieram a contribuir para o refinamento do conceito de competência comunicativa.

Widdowson fez uma forte crítica aos professores de língua por terem, em sua maioria, a mesma visão gramatical de língua que Chomsky:

[...] os professores de línguas têm prestado pouca atenção à maneira como as sentenças são usadas em combinação para formar trechos de discurso conexo. Eles tendem a tomar como exemplo o gramático e têm se concentrado no ensino de sentenças como unidades que se contêm em si próprias. (WIDDOWSON, 1991, p. 49, tradução nossa)⁴

Assim, Widdowson enfatizou a importância da análise do discurso e chamou a atenção para a necessidade de se incorporar ao ensino de línguas o conceito de coesão textual, que envolve aspectos lingüísticos explícitos no estabelecimento de relações num determinado trecho de discurso, e o conceito de coerência textual, que diz respeito às relações estabelecidas através do conteúdo da mensagem. Coesão é a conexão estrutural entre frases individuais, como, por exemplo, as ligações interfrasais que se fazem com conjunções. Coerência é a relação entre todas as frases de um texto, a qual o torna consistente e lógico. Widdowson vê a língua como um veículo de comunicação, e por isso, acha que o professor de línguas estrangeiras não deve se concentrar na frase como unidade lingüística a ser estudada. Em outras palavras, os alunos devem também ser orientados a analisar o discurso para que possam desenvolver sua competência comunicativa.

Ao criticarem a visão estruturalista de língua e oferecerem uma visão comunicativa de língua, Hymes e Widdowson prepararam o caminho para uma definição mais elaborada e mais operacional de competência comunicativa. Essa definição viria do Canadá através dos trabalhos de Merrill Swain e, principalmente, Michael Canale. Esses dois lingüistas mantêm o importante acréscimo feito por Hymes ao conceito de competência comunicativa: a idéia de habilidade. Como mencionado anteriormente, o conceito de competência de Chomsky diz respeito apenas ao conhecimento gramatical que o falante-ouvinte possui. O conceito de competência comunicativa de Canale e Swain (1980, p. 5) diz respeito a conhecimentos e a habilidades:

Conhecimento aqui se refere àquilo que um indivíduo sabe (consciente e inconscientemente) sobre a língua e sobre outros aspectos do uso comunicativo da língua; habilidade se refere a quão bem ele pode realizar esse conhecimento em comunicação real. (CANALE; SWAIN, 1980, p. 5, tradução nossa)⁵

Na proposta de Canale e Swain, portanto, conhecimento só é útil se o indivíduo que o possui também tem a habilidade para utilizá-lo. Isso vai reforçar, ainda mais, o conjunto de

argumentos contrários à teoria estruturalista da língua presente no audiolingualismo, segundo a qual o estudante precisa apenas adquirir conhecimento gramatical para se tornar capaz de se comunicar na língua estudada. O conceito de competência comunicativa proposta por Canale e Swain era composto de competência gramatical, competência sociolingüística e competência estratégica. Entretanto, os trabalhos de Widdowson sobre o discurso levaram Canale a aperfeiçoar o conceito, que passou a incluir também a componente competência discursiva.⁶

Competência gramatical é o conhecimento que um falante-ouvinte possui sobre as regras e as características dessa língua (*i.e.* a sintaxe, a morfologia, a pronúncia, o vocabulário e a grafia) somado às suas habilidades na utilização desse conhecimento para entender e expressar corretamente o significado literal de enunciados. Percebe-se que esta competência corresponde, em parte, ao conceito de competência lingüística proposto por Chomsky, o qual não inclui a idéia de habilidade.

A competência sociolingüística diz respeito às regras sócio-culturais do uso da língua. Em outras palavras, é o conhecimento e a habilidade que o falante-ouvinte possui para expressar e entender enunciados de um modo apropriado, de acordo com fatores sociais e culturais do contexto em que se encontra, tais como os propósitos e as normas da interação e o tipo de relação que o falante-ouvinte possui com o interlocutor. Canale ressalta que o termo “apropriado” se refere tanto à forma lingüística do enunciado, quanto ao seu sentido. Por exemplo, uma vendedora de uma joalheria se dirigindo a um cliente desconhecido, que está olhando uma vitrine com anéis caros, estaria demonstrando falta de competência sociolingüística se dissesse algo como “E aí, gato? Tá a fim de ver um anelzinho?”. Apesar de o sentido de seu enunciado estar apropriado para a situação, as formas lingüísticas escolhidas pela vendedora não estariam apropriadas para a relação entre vendedora e cliente. Um exemplo de impropriedade de sentido pode ser encontrado na seguinte situação: uma secretária de uma escola está grávida e uma professora, com a qual a secretária não tem muita proximidade, olha para a sua barriga e pergunta displicentemente: “O filho é de seu noivo mesmo?” A escolha das formas gramaticais

é apropriada, mas o enunciado pode ser tomado de forma bastante ofensiva pela secretária, demonstrando, naquele momento, uma certa incompetência sociolingüística por parte da professora. Afinal, esse enunciado pressupõe que a secretária tenha tido relações sexuais com pelo menos um homem além do seu noivo, o qual é pai em potencial da criança.

A componente competência discursiva refere-se às regras do discurso. É o conhecimento que o falante-ouvinte tem de combinar formas gramaticais e sentidos para comunicar diferentes tipos de textos, falados ou escritos, de uma maneira unificada, sendo essa unidade textual realizada de duas formas: (a) através da coesão, ao nível da forma lingüística; e (b) através da coerência, ao nível do sentido. É claro que a habilidade de usar tal conhecimento faz parte desta competência.

A competência estratégica de um falante-ouvinte é o conhecimento e a habilidade que ele possui de utilizar estratégias verbais e não-verbais para compensar alguma falha em uma ou mais de uma das outras competências (falha essa decorrente de uma competência não muito desenvolvida ou de um problema psicológico ou físico), sendo assim chamadas estratégias de compensação. Esse conhecimento e essa habilidade podem, também, ser utilizados para causar efeitos estilísticos nos enunciados. Exemplos dessas estratégias são os usos de paráfrases, circunlocuções, gestos e desenhos.

A proposta de competência comunicativa de Canale é, até a presente data, a mais utilizada pelos escritores dos livros didáticos mais modernos para a aprendizagem de línguas estrangeiras e por elaboradores de exames de proficiência. Recentemente, tem havido tentativas de se formular um modelo de competência comunicativa que tem como ponto de partida a proposta de Canale⁷, mas nada de definitivo foi ainda proposto.

IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DE COMPETÊNCIA

Um conceito de competência é a mesma coisa que uma visão de língua. Chomsky vê a língua como um conjunto de estruturas gramaticais e, por isso, adota o conceito de competência lingüística, sem levar em consideração nada além do conhecimento

gramatical do falante. Canale vê a língua como um conjunto de estruturas gramaticais que é usado para criar discursos coerentes e coesos em contextos socioculturais distintos e que pode ser compensado por estratégias.

Quem está certo e quem está errado? Chomsky ou Canale? Esse é o tipo de pergunta que parece natural, mas que, na verdade, não cabe ser proposta para a lingüística teórica ou aplicada. Chomsky tem um objetivo científico que justifica o recorte feito, quer isso agrade aos sociolingüistas ou não. Além disso, Chomsky nunca se propôs a discutir o ensino ou a aquisição de línguas estrangeiras. Canale, por sua vez, tem em mente o ensino de línguas estrangeiras. E como as pessoas que aprendem uma outra língua sempre o fazem porque querem ou precisam se comunicar nessa língua, seja oralmente, seja através da leitura, é natural que se busque um arcabouço teórico que oriente, da forma mais eficiente possível, o ensino de línguas estrangeiras. E foi isso que Canale fez.

Adotar o conceito de competência lingüística ou o conceito de competência comunicativa tem implicações bastante sérias para o ensino de línguas estrangeiras. Se o conceito de competência lingüística estiver subjacente à prática pedagógica, o professor se preocupará apenas em fazer com que os estudantes estudem as formas gramaticais da língua. Muito tempo e energia serão dedicados para se estudarem as regras gramaticais. É o que acontece com o ensino do português no Brasil. Os estudantes passam anos de suas vidas decorando regras, aprendendo a conjugar os verbos em todos os tempos e pessoas, transformando sentenças passivas em sentenças ativas e vice-versa. O problema é que a maioria dos estudantes não aprende a *usar* as estruturas gramaticais que “aprendem”. É por isso que muitas pessoas acham o estudo da gramática muito chato: falta a conexão com o uso, com a realidade lingüística. Se o português como língua estrangeira for ensinado tendo por base o conceito de competência lingüística, os estudantes, muito provavelmente, ficarão entediados e pouco motivados. A análise asséptica da língua levada a cabo por Chomsky e seus seguidores tem uma razão de ser, mas não é o tipo de análise apropriado para o ensino de línguas estrangeiras.

A adoção do conceito de competência lingüística se reflete também na elaboração de materiais didáticos e na elaboração dos currículos escolares. Acreditando que o mais importante é o estudo das estruturas lingüísticas, os autores enchem os livros de explicações e exercícios gramaticais descontextualizados. Não há, geralmente, menção de quando se usar essa ou aquela estrutura ou de qual gênero textual propicia o uso dessa ou daquela estrutura. Na elaboração dos currículos, muitas escolas dividem o conteúdo programático baseando-se apenas em pontos gramaticais.

Adotar-se o conceito de competência comunicativa para o ensino de línguas estrangeiras tem implicações muito mais positivas. Afinal, o professor sabe que os estudantes não devem se limitar ao estudo das estruturas gramaticais, apesar de os estudantes precisarem ter conhecimento gramatical também. Assim, ele vai propiciar aos estudantes meios de se tornarem conscientes a respeito de quando usarem as estruturas gramaticais, de quais estruturas são apropriadas em quais situações. O professor vai incluir no seu planejamento atividades que ajudem os estudantes a desenvolverem suas competências gramatical, discursiva, sociolingüística e estratégica. Analogamente, os autores de livros-textos vão se preocupar com a inclusão de atividades que ajudem a desenvolver as quatro competências dos estudantes. As escolas que optam pelo conceito de competência comunicativa não pensam apenas nas estruturas gramaticais quando elaboraram seus currículos. E as aulas tendem a ficar mais interessantes.

Para finalizar, uma pergunta para o professor: qual o conceito de competência subjacente à sua prática de ensino, competência lingüística ou competência comunicativa?

THE CONCEPT OF COMPETENCE IN THE FOREIGN LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT — *The result of a lecture presented at the XIII Palle Seminar at Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (a state university in Bahia, Brazil). This text deals with the issue of the concept of competence*

in foreign language teaching. Its objective is to raise the awareness of foreign language teachers for the importance to know what theory of language underlies the pedagogical practice. Thus, the chomskyan concept of linguistic competence and the concept of communicative competence are discussed so that their implications to foreign language teaching can be analyzed.

KEY-WORDS: *Communicative competence. Foreign language teaching. Chomsky.*

NOTAS

- ¹ Para um breve histórico do método audiolingual, consulte a obra de Richards; Rodgers (1994).
- ² Cf. Hymes, 1991, para maiores detalhes sobre a sua proposta de competência comunicativa.
- ³ Note-se que é por isso, também, que os brasileiros precisam dominar a gramática normativa do português.
- ⁴ Cf. o trecho original: [...] language teachers have paid little attention to the way sentences are used in combination to form stretches of connected discourse. They have tended to take their cue from the grammarian and have concentrated on the teaching of sentences as self-contained units.
- ⁵ Cf. o trecho do original: Knowledge refers here to what one knows (consciously and unconsciously) about the language and about other aspects of communicative language use; skill refers to how well one can perform this knowledge in actual communication.
- ⁶ Cf. Canale, 1990.
- ⁷ A respeito dessas formulações, confira Hadley (1993).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **A mão e a luva**. 19 ed. São Paulo: Ática, 1998.
CANALE, Michael; SWAIN, Merrill. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. **Applied Linguistics**, | s. l. |, n. 1, p. 1-4, 1980.

Sitientibus, Feira de Santana, n.37, p.61-74, jul./dez. 2007

CANALE, Michael. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, Jack; SCHMIDT, Richard. (Org.). **Language and communication**. Singapura: Longman, 1990. p. 2-27.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1978. Título original **Aspects of the theory of syntax**.

HADLEY, Alice Omaggio. **Teaching language in context**. 2. ed. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1993.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: BRUMFIT, Christopher; JOHNSON, Keith. (Org.). **The communicative approach to language teaching**. Hong Kong: Oxford University Press, 1991. p. 3-26.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WIDDOWSON, Henry. Directions in the teaching of discourse. In: BRUMFIT, Christopher; JOHNSON, Keith. (Org.). **The communicative approach to language teaching**. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.